



## **O LUGAR DE VIDA E SUAS RELACÕES COTIDIANAS COM O ENSINO DAS CIÊNCIAS EM ESCOLAS RIBEIRNHAS**

Hugo Levy da Silva de Melo; Patrícia Lisboa Aguiar; José Camilo Ramos de Souza

*Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Bolsista da FAPEAM. E-mail: [hugo-am@hotmail.com](mailto:hugo-am@hotmail.com)*

*Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Bolsista da FAPEAM. E-mail: [patty\\_lisboa@yahoo.com.br](mailto:patty_lisboa@yahoo.com.br)*

*Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Prof. Orientador do Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia. E-mail: [jcamilodesouza@gmail.com](mailto:jcamilodesouza@gmail.com)*

**Resumo:** O lugar de vida e suas relações com o cotidiano não será refletida aqui somente por suas conceitualizações tradicionais, mas através de outras instâncias que fazem parte do desenvolvimento do mesmo. Dentre as breves reflexões buscamos compreender os saberes do cotidiano e o ensino da ciência na educação Ribeirinha através de um olhar enquanto um espaço de saberes culturais e tradicionais que fazem parte de uma relação construída coletivamente e que se mantém viva até os dias atuais. Nessas circunstâncias, empregou-se uma metodologia de cunho qualitativo através de revisões bibliográficas nos estudos de Alves (2003), André (1989), Ferraço (2007), Lopes (1999), Garcia (2003), Souza (2013) e Oliveira (2008) para nos embasar nas discussões descritas no artigo. Essas reflexões nos levam aprofundar ainda mais questões ligadas a uma educação Ribeirinha e uma mudança quanto o que vem a ser conhecimento científico tal como conhecimentos do cotidiano bem tal quais suas inter-relações e importância para o desenvolvimento de uma educação que busque compreender as necessidades de cada lugar.

**Palavras-chaves:** Ensino das Ciências, Saberes Tradicionais, Saberes Científicos, Escola Ribeirinha.

### **INTRODUÇÃO:**

Discutir a realidade cotidiana de estudantes ribeirinhos amazônicos, a partir de conceitos científicos, requer bases teóricas que permitam adentrar no lugar de vida, para poder compreender as ações de construções de conhecimentos, sem perder as relações de aprendizagem perpassadas de gerações em gerações, que fundamentam as suas identidades culturais.

As bases identitárias estão em suas formas e maneiras de explicar fenômenos naturais nos diálogos ou rodas de conversa no entardecer, que muito não se visualiza nos ensinamentos escolares, os quais poderiam enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, que serviriam de base ao ensino das ciências, nos conteúdos trabalhados em sala de aula.

É preciso encontrar mecanismo de articulação entre os saberes social e historicamente construídos, vividos e praticados, com os saberes escolares ensinados diariamente nas salas de aula, que possam dar parâmetro de compreensão de todos os aspectos naturais e sociais da comunidade



ribeirinha, aos estudantes. A partir da relação saber tradicional e saber escolar poderia estar se planejamento a construção coletiva de um currículo que dimensione a realidade da comunidade e que permite ao estudante ler a realidade vivida, compreendendo-a a nível local, regional, nacional e mundial, para compreender como sistema dinâmica de influência e suas práticas cotidianas de vida.

Os saberes e a identidade cultural, possam refletir a realidade dos sujeitos no processo pedagógico, afirmando de fato que a escola ribeirinha não só está localizada geograficamente nas comunidades de várzea ou terra firme, mas que é uma escola que se constrói nas relações das pessoas – professores, estudantes e comunitários -, atentando para os sujeitos que se constroem sócio-histórico-cultural, em cada lugar amazônico, tendo como base a água, terra e floresta, tradutoras de necessidades e que guardam suas construções culturais de vida.

Essas reflexões analíticas nos levam a pensar, através de um novo olhar, a educação ribeirinha, como mecanismo de aproximação dos diversos saberes, das diferentes ciências, do sujeito com as suas construções sociais, do ser humano com o espaço que vive e com que constrói, abrindo possibilidade de romper com as barreiras que existem entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais. Os saberes cotidianos possibilitam construir múltiplas formas de se ensinar ou aprender no lugar de vida e conhecer ou compreender conceitos científicos trabalhados em escolas ribeirinhas muito além da realidade desse lugar, do mundo que os cerca. Um mundo que se faz através de gestos, olhares, relações sociais e experiências cotidianas adquiridas nas vivências.

## **METODOLOGIA**

O trabalho desenvolveu-se a partir de pesquisas bibliográfica, de caráter qualitativo sendo assim, todo o aporte teórico pesquisado constituir-se-á de base para análise e reflexão textual deste artigo que tem como objetivo analisar os desafios de se ensinar cientificamente sob à luz dos estudos sobre o cotidiano vivenciado em escolas ribeirinhas. A pesquisa busca através de um estudo bibliográficos fazer reflexões e compreender as lacunas e as dificuldade de relacionar os saberes discutindo a relação entre este o ensino de ciências, o cotidiano e o lugar de vida.

A base teórica que buscamos, nos ajuda a fazer breves reflexões sobre o cotidiano e o lugar de vida e suas relações com os conhecimentos científicos trabalhados em escolas ribeirinhas. E através dessa base discorreremos sobre os principais problemas enfrentados na produção e reorganização dos saberes científicos na busca de ensinar o estudante a conhecer primeiramente o



mundo que está em sua volta e relaciona-lo com os mundos mais distantes, onde passe a ser produtor e sujeito ativo na construção do conhecimento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **Cotidiano**

Discorrer sobre o cotidiano é falar de relações que são construídas na vivência de cada dia e se materializam enquanto instrumento de identidade de determinado grupo social. De maneira que poderíamos falar do cotidiano como os afazeres que marcam nossa dinâmica do dia a dia, como aspectos rotineiros, porém o cotidiano nos aponta para uma perspectiva de reflexões e concepções que emergem desse viver diário, onde novos pontos de vista se abrem e também novos conhecimentos, que estão entrelaçados na história de vida de cada sujeito.

[...] o cotidiano não é apenas o espaço de realização de atividades repetitivas: é também um lugar de inovação. A vida cotidiana não é apenas feita de rebotalho. A própria recusa do cotidiano (a festa, as viagens, as férias...) é a sua reorganização e transformação. O cotidiano banal, trivial, repetitivo, faz parte de um outro cotidiano (PAIS, 2001, p.78).

O outro cotidiano nos aponta para um leque repleto de possibilidades e, saberes que se conectam nas diversas tessituras diárias. Onde novas perspectivas de conhecimentos brotam e nos revelam um pensar diferenciado de ver o mundo e suas relações de vida. Nessa busca de ver as relações entre os saberes cotidianos e os científicos voltados a educação e ao ensino que inúmeros autores nas últimas décadas como (ALVES, 2003; ANDRÉ, 1989; FERRAÇO, 2007; LOPES, 1999; GARCIA, 2003; OLIVEIRA, I., 2008), vem discutido em diferentes abordagens, na busca de novos métodos e práticas para ensinar.

Na busca de reflexões quanto ao conhecimento do cotidiano e entrelaçados aos saberes escolares André (1989) afirma que é de fundamental importância compreender como a escola desempenha seu papel socializador, seja na transmissão de conteúdos acadêmicos ou na veiculação das crenças e saberes vivenciados cotidianamente que se apresentam nas ações, rotinas e relações sociais.

Essa análise do cotidiano se volta a experiência e vivências de grupos sociais que participam de inúmeras relações com o seu lugar de vida que carregam saberes que são passados de geração a geração e que fazem parte do cotidiano de cada sujeito. Nessa perspectiva Souza (2013) em sua tese



A Geografia nas Escolas das Comunidades Ribeirinhas de Parintins: entre o Currículo, o Cotidiano e os Saberes Tradicionais descreve que:

Os saberes construídos e repassados de geração a geração estão presentes em cada sujeito construtor de sua própria história dentro da Amazônia, seja no ambiente da várzea ou da terra firme, na beira do rio ou no meio da floresta. Os rios são os meios de acesso e de comunicação, levando ou trazendo novas informações para quem está sempre pronto a aprender e assim poder transformar em novo saber amazônico, além de ser o celeiro fornecedor da base alimentar: o peixe nosso de cada dia (2013, p.51).

Construir, Problematicar a realidade e saberes cotidianos, são características para ajudar a preencher as lacunas existentes entre os saberes do cotidiano e os saberes científicos, e auxiliam ao mesmo tempo os estudantes a se identificar, acreditar, que também pode fazer ou construir ciências, ensinar, e ser um sujeito atuante no processo de produção de conhecimento. Através de um olhar voltado a pesquisa nos/dos/com os cotidianos que (OLIVEIRA, I 2008; ALVES, 2008; ALVES, 2003) consideram interessante pensar os cotidianos como espaçostempos privilegiados de produção da existência, e dos conhecimentos, crenças e valores que dão sentido a direção a vida. Diferentemente de estudos que se baseiam em análises de discursos ou de políticas educacionais, estudo do cotidiano busca compreender como se dão as práticas, as relações e situações que ocorrem efetivamente no dia a dia na escola e na vida dos alunos tecendo uma rede de saberes e fazeres.

O cotidiano também é presente nas relações sociais, contradições reconstruções de conhecimento e superações. São movimentos tradicionais tido muita das vezes banais, rotineiros, mas complexos e sempre articulados com a realidade de onde se fazem presente criando e recriando conhecimentos. Segundo Alves (2003) o fazer cotidiano inclui, de modo inseparável o fazer pensar, a teoria e pratica, em movimentos que se misturam no agir, dizer, criar, lembra, sentir. Se faz através das mudanças sociais a partir do momento em que se penetra ou compreende a sua realidade.

Nos saberes cotidianos tudo se constrói e reconstrói, inventa e se reinventa a vida. De acordo com Certeau (2008) a vida cotidiana é feita de transformações criativas que se reinventam permanentemente, e isso difere de maneira significativa de concepções que veem o cotidiano como simples repetições e reproduções diárias, ou de uma “estrutura social abstrata que, além de explicar toda a realidade, a determinaria” (OLIVEIRA, I., 2008, p. 35).

Por muito tempo se pensou ou se concluiu que os conhecimentos do cotidiano não seriam relevantes ou agregariam aos saberes científicos, mas notasse que são conhecimentos reais na



construção da vida, e que a partir dos momentos que são postos em práticas na escola no ensino e reconstruídos de maneira coletiva as possibilidades do aprender se amplificam e o conhecer científico se torna, mas fácil de ser compreendido.

É com esse pensamento que Alves (2003) reforça a ideia de que há modos de fazer e de criar conhecimentos nos cotidianos, diferentes do que é aprendido na modernidade e não somente através de saberes científicos, pois o que se aprendeu ou se aprende no fazer ciência foi criando em um movimento que precisou superar e negar a si mesmo na busca de compreender a realidade dos saberes. Contudo é na vida de todo dia que o homem busca compreender cada gesto, ação e reação para se manter de maneira atenta para tudo o se passa, repete, se cria, se inventa ou não. Cotidiano esse que é a vida do sujeito, dentro de suas particularidades, de seus saber fazer, e seu pensar, heterogeneidades que emergem nas relações sociais que constroem onde vive (HELLER, 2004).

A percepção da particularidade dos saberes é fundamental para articular o ensino das ciências com o cotidiano, representa um ensino/aprendizagem mais próximos das realidades, onde os alunos no que se trata de ensino percebam os contextos que estão inseridos, nesses contextos, construam suas próprias considerações a partir do ensinado e aprendido nas aulas e as transformem em conhecimentos para suas vidas, e que pratiquem nas suas vivências e experiências. O conhecimento do cotidiano, pode servi para que o estudante compreenda que a ciência não é algo distante de seus contextos, mas, uma interpretação, sistematização, das pesquisas realizadas sobre as realidades dos elementos físicos e sociais, que estão em toda parte e que os cientistas dão sentido e significado científicos.

Segundo Heller (2004), o ser humano desde seu nascimento é imerso no cotidiano dos seus pais e familiares e meio social que o rodeia, que com o tempo vai aprendendo a se relacionar, com as variadas artes de fazer as atividades desempenhadas no lugar onde mora, seja, no trabalho dos pais, observando-os, ou até mesmo ajudando-os nos afazeres, nas brincadeiras com seus amigos. Entende de fato que cotidiano é tudo aquilo que o homem faz no contexto social e histórico, que os mesmos são transformados em conhecimentos e utilizados por outras pessoas, através da heterogeneidade de cada cotidiano, e individualização de cada um, por meio das mudanças sociais, econômicas e etc. é entender que esses conhecimentos são importantes não somente nos afazeres diários, mas que os mesmo trazem consigo saberes que podem ser reconstruídos ou reformulados junto aos conhecimentos científicos.

A vida do homem se manifesta no contexto onde vive, no seu meio social através de ações que são representadas por seu cotidiano, seus afazeres, onde trabalha, o que faz para ir ao trabalho,



o que utiliza como meio de transporte, como educa seus filhos, tudo isso faz parte da cotidianidade do sujeito. “A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias” (HELLER, 2004, p. 17).

São através das manifestações cotidianas que os sujeitos, nesse caso alunos, professores, pais e sociedade compreenderam as ciências na arte de fazer o que é vivido por cada um deles, e que nesse processo a escola seja, mediadora desse processo do ensino/aprendizagem. E que através de uma interpretação do cotidiano para o ensino das ciências aflorem oportunidades para um ensino capaz de interpretar as relações científicas com a realidade construída no espaço de vida de cada sujeito aprendente.

Mergulhar no cotidiano nos possibilita conhecer a riqueza que nele se faz presente, a complexidade que estão entrelaçadas nas escolas, no ensino, entre alunos, professores, na busca de intervir de modo mais objetivo e clareza em quanto as especificidades locais e individuais. Esse entrelaçar permitiu uma observação de saberes que eclodem de conflitos, histórias, vivências, culturas que se mantêm vivas em meio as mudanças sócias e tecnológicas dos dias atuais.

### **O Lugar de vida e o Ensino das Ciências em Escolas Ribeirinhas**

Falar do lugar de vida em escolas ribeirinhas é falar de uma cultura diversificada de conhecimentos e saberes que são passados por gerações em um encontro de vivências e de construções sócias, dinamizadas pelas interações com a natureza e por tudo que dela se expressa. Segundo Souza (2013) o lugar de vida não se refere a parte física, mas ao lugar vivido, construído no dia a dia a partir das relações sociais, culturais, históricas e que constrói e ressignifica quem o construiu. O ressignificar exige um novo olhar de dentro do lugar no sentido de ser, de pertencer e de deixar o sujeito como parte integrante, participante da construção de vida. Nesse processo o rio se faz condutor de saberes cotidianos, o propulsor da vida levando e trazendo conhecimentos.

A relação de cada sujeito com o lugar onde vive é dinâmica, e embora seja feita em escala local, o processo de saberes atinge contextos, mas amplos, do que é efetivamente vivido por cada um. Segundo Santos (2000) “Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares.”



Ao se resgatar saberes, de um lugar o conhecimento torna-se mais próximo, pois para um aluno de escolas ribeirinhas é de fundamental importância que esses saberes ultrapassem a teoria que é trazida nos livros, uma vez que pode ser associado no seu social no conhecimento prévio de cada um alargando as possibilidades da construção do ensino das ciências. A partir do momento em que esse processo de relação com o lugar são observados no ensino-aprendizagem, o aluno tem a possibilidade de aprender a partir da sua vida e do seu espaço vivido, tendo em vista que.

Um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza. Por exemplo, por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas das cidades descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes? (FREIRE, 2001, p. 33).

É no lugar onde o aluno vive de maneira intensa que os processos sociais, se interligam aos aspectos geográficos nele se constrói um vínculo, mas forte com o ambiente natural. É através do conhecer seu espaço de vida que o aluno abre as portas do conhecimento para o mundo como afirma Santos “O lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel em sua história.” (SANTOS, 1988, p.35).

Acreditamos que é de fundamental importância discutir aspectos do lugar de vida e os saberes dos alunos construídos no seu cotidiano, pois é uma forma de relacionar acontecimentos do mundo que por muitas vezes não fazem parte de seu contexto e os relacionar com as experiências do lugar onde vivem.

As experiências de vida dos alunos podem contribuir de forma significativa na compreensão dos saberes científicos, e melhorar o aprendizado ressaltando também em uma consciência mais crítica e questionadora dos mesmos. Segundo Cavalcanti (2001) são dos confrontos entre as dimensões do vivido com o que é concebido socialmente e os conceitos científicos que se tem uma maior possibilidade de reelaborar o que se sabe e internaliza-los de maneira, mas clara.

A partir do momento em que se valoriza a realidade do lugar de vida e seus saberes, se resgata a história e a identidade. Discutir conhecimentos vividos no cotidiano de escolas ribeirinhas é conceber meios facilitadores para o processo de ensino das ciências, levando ao aluno a uma melhor compreensão do seu papel como sujeito ativo na construção do seu lugar de vida e de seus conhecimentos. Pois se considerarmos cada aluno como um possuidor de conhecimentos que adquiriram na sua vivência podemos usar esses saberes como meios para se discutir os saberes



científicos, tendo como partida o seu lugar e ampliando esses saberes em escalaras, regionais, nacionais e globais.

Emergir conhecimentos científicos através do lugar de vida e dos saberes construídos neles é uma maneira de evidenciar a construção histórica da ciência, não é apenas informar, mas, construir conhecimento, onde cada informação do estudante, modifique e auxilie na sistematização no aprendizado sobre as ciências (CHASSOT, 2003).

Nesse processo de construção de saberes as escolas e professores sozinhos não possuem possibilidades de ensinar os conhecimentos científicos necessários para que os alunos em suas trajetórias de vida utilizem de maneira integral, mas podem nesse processo instigar e sistematizar novas estratégias para que os mesmos percebam que os saberes e conceitos das ciências fazem parte de seus cotidianos e que podem utilizar esse saber em todos os momentos, desde que aprendam, queiram, e compreendam as ciências como construções constantes e que não são saberes acabados.

Educar de forma estimuladora e despertar a criatividade dos educandos, para torná-los críticos e ativos no processo educacional e não meros ouvintes de conceitos prontos. Pensar a educação pela pesquisa em escolas ribeirinhas é perceber a necessidade de uma articulação entre teoria e prática, construídas no cotidiano e no lugar de vida construindo conhecimentos que vão além de uma instrução ou um mero repasse de conteúdo. Quanto a isso Fachín-Terán ressalta:

[...] ser cientificamente culto implica também atitudes, valores e novas competências, principalmente ter uma postura aberta à mudança, que inclui ética e responsabilidade, estar informado sobre determinadas situações e acontecimentos, sendo capaz de tomar decisões sócio científicas que tenham implicações pessoais ou sociais (2011, p. 23).

É de grande importância que o aluno seja preparado para tomar decisões na vida de forma consciente e crítica, pois os mesmos se colocarão como participantes ativos das ações sociais e na construção de novos saberes. Entendemos que o processo do ensino das ciências só será possível por meio de um novo pensar de ensino e aprendizagem, de um novo olhar dos professores, de um conhecimento adquirido através de questionamentos e reflexões, que fazem parte da vida dos estudantes e que comece na educação infantil até os níveis superiores, com o intuito de alcançar uma formação de pesquisadores capacitados para desenvolver educação em qualquer nível.

É importante perceber o lugar de vida no qual se resgatam o significado de cada pratica que vemos e fazemos, nos levando um caráter de construtores dele, dando a ciência um caráter secundário para conceituar e dar explicações sobre o que sentimos, fazemos ou vivemos, no qual não precisamos primeiramente consultar físicos, biólogos, químicos, para ensinar o que é uma





floresta, os períodos de cheias e vazantes, as melhores técnicas para pescar ou remar, mas compreender que o lugar de vida e seus saberes são tanto quanto importantes como os saberes científicos. Porém o ensino das ciências em escolas ribeirinhas tem sido um objeto distante dos conhecimentos vividos pelos estudantes, mantendo o processo de compreensão dos alunos mais lento e complexo de ser entendido.

O ensino das ciências em escolas ribeirinhas tem que levar em conta o lugar de vida dos estudantes como um dos princípios para o ensino, e nesse processo o professor tem um papel muito importante de compreender que o aprender nesses lugares envolve o perceber o mundo que está em sua volta. E que o aluno tem conhecimentos prévios, onde constrói seus significados, e que para ele o seu lugar de vida, seu contato direto com a natureza, rios e florestas tem um significado, e para a ciência pode ter significados próximos ou diferentes, mas que o professor como possuidor de percepções e conhecimentos, pode aproveitar o saber do aluno adquirido no seu cotidiano e no seu lugar de vida, para se apropriar dos conhecimentos das ciências através de relações existentes entre esses saberes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atualmente estudantes estão muito expostos a inúmeros meios para receber conhecimentos, e pelos, mas diferentes meios de comunicação, desta forma as escolas devem nos dias de hoje não somente auxiliar na preparação para o mercado de trabalho, mas também na construção de cidadãos críticos e questionadores. Nesse processo é de fundamental importância conhecer seu lugar de vida, os conhecimentos repassados por gerações e entender a dinâmica da vida nas práticas cotidianas.

O lugar de vida é um grande laboratório para se ensinar e aprender, aprendendo nas experiências cotidianas experimentando, construindo reinventado de maneira harmonizar com o espaço onde vive. Escolas ribeirinhas são grandes berços de conhecimentos, onde pais ensinam seus filhos na singela e pura simplicidade seus saberes os quais foram herdados e que mantem presente nas gerações futuras.

É necessário porem dizer que o ensino das ciências é um grande desafio para professores de escolas ribeirinhas, pois muitas vezes se sentem impotentes diante de novos desafios impedindo o processo de ensino/aprendizagem ou por encontrarem dificuldade de realizar a transposição desse conhecimento para um conhecimento escolar. A dificuldade da transposição dos conhecimentos



distancia o ensino das ciências da realidade vivida pelos estudantes e conseqüentemente dos saberes construídos, aprendidos e exercitados nos diálogos entre pais e filhos e em suas vidas cotidianas.

É um grande desafio para professores de escolas ribeirinhas entrelaçar saberes do cotidiano com os científicos mesmo assim muito professores tem procurado alternativas mais favoráveis e uteis na vida dos estudantes.

Por tudo quanto foi exposto de maneira reflexiva, dedico minhas últimas palavras à uma busca de um ensino renovado que ande lado a lado os saberes vividos no cotidiano e o ensino das ciências não somente para alunos conhecerem melhor seu lugar de vida, reconstruírem seus saberes ou para não os transformar em meros espectadores do conhecimento, mas pesquisadores e críticos que busquem transforma e ré-transformar os conhecimentos adquiridos durante suas trajetórias educacionais. A responsabilidade maior que temos como acadêmicos e cientistas é de educar. Para entender e transformar o mundo. Para torná-lo mais justo e igualitário. Se procuramos o novo, é para contá-lo aos nossos alunos, próximos ou distantes, e ensinar aos jovens como conservar viva a chama da curiosidade. Construir com eles imagens do que nunca antes se tinha visto ou pensado, mostrando que o lugar que os rodeia é um amplo leque de conhecimentos e possibilidades do criar ou recriar saberes.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

ANDRÉ, M.E.D.A. (1989). A pesquisa no cotidiano escolar. In: Fazenda, I. (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez Editora, 33-45.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. Em: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.) *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2008. p. 15-38.

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *Teias*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7-8, p.1-8, jan./dez. 2003.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, Escola e construção de conhecimento*. São Paulo: Papirus, 2001.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 22, p.89-100, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf>.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

FACHÍN-TERÁN, A. Fundamentos da Educação em Ciência. In: GONZAGA, A. M.; FACHÍN-TERÁN, A.; BARBOSA, I. dos S.; SEGURA, E. A. das C.; AZEVEDO, R. O. M. **Temas para o Observatório da Educação na Amazônia**. Curitiba-PR: CVR, 2011.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2008. Coleção Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação.

PAIS, Jose Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

\_\_\_\_\_. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record: 2000.

SOUZA, José Camilo Ramos de. *A Geografia nas Escolas das Comunidades Ribeirinhas de Parintins*: Entre o Currículo, o Cotidiano e os Saberes Tradicionais. São Paulo: USP, 2013. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.